

# **"Que mais posso fazer?"**

Enfrentamos uma crise global de saúde e podemos sentir-nos inúteis ou confusos quanto ao melhor modo de responder ou reagir. Que diferença pode uma pessoa realmente fazer para melhorar uma situação tão complexa? O exemplo de Joanna, de Singapura, mostra-nos que o conhecimento das circunstâncias pessoais de cada um, uma rede de bons amigos e um pouco de iniciativa podem fazer grandes coisas.

17/03/2021

Em Singapura vivem cerca de 350 000 trabalhadores estrangeiros, vindos principalmente da Índia e do Bangladesh. A maior parte vive em dormitórios espalhados pela cidade-estado, mas os seus espaços são comuns e, quando a Covid-19 começou a espalhar-se entre eles, foi difícil contê-la. Os que estavam com saúde tiveram de ficar em quarentena nos respetivos dormitórios, enquanto unidades médicas móveis foram abertas no local, de modo a que os médicos pudessem testar cada um dos trabalhadores. Os que testaram positivo foram enviados para hospitais e instalações médicas da comunidade. Os dormitórios ficaram em isolamento durante a maior parte de abril e até ao fim de maio, tal como o resto do país.

Nada disto estava nos pensamentos de Joanna quando estava com um grupo de amigos num tempo de oração e reflexão durante uma transmissão ao vivo do Santíssimo Sacramento. A oração de Joanna era simples: “Senhor, que mais queres que faça? Posso ser as tuas mãos, os teus olhos, os teus pés...” Embora na altura não tivesse aparecido nenhuma luz específica, a resposta chegou no dia seguinte, durante uma conversa com o marido, médico num hospital público.

## **Uma coisa leva à outra**

Verificou-se que o hospital, onde o marido de Joanna trabalha, tinha sido encarregado de prestar cuidados médicos móveis a quatro dormitórios de trabalhadores estrangeiros em quarentena, o que quer dizer que mais de 27 000 homens teriam de ser sujeitos a triagem e testados quanto ao vírus. Joanna perguntou de que

mais precisariam esses trabalhadores além de cuidados médicos, provisões básicas e acesso a Wi-fi. A resposta foi simples: *snacks!* Ou pelo menos qualquer coisa que os ajudasse a passar pela longa provação. (Já lhes estavam a ser fornecidas 3 refeições por dia)

*Snacks?* Isto é algo que uma mãe de seis filhos está bem habituada a arranjar, mas para tanta gente? E arranjar não só algo para trincar e para beber, mas qualquer coisa mais substancial? Talvez com alguns donativos de amigos se conseguisse arranjar isso para um dos dormitórios, com 6000 trabalhadores...

Levar amigos e vizinhos a fazer donativos para este projeto foi mais fácil do que Joanna pensava. Muitos estavam desejosos de ajudar de qualquer modo. Quando estava a pensar como havia de fazer para

recolher os donativos, Lynette, uma amiga e organizadora de grandes projetos tais como missões médicas no Camboja, apareceu do nada com uma saudação simpática, e acrescentou: “Se precisares de ajuda em qualquer coisa, é só dizeres”, Joanna teve a certeza de que a mão de Deus estava por detrás disto, porque logo que Lynette começou a fazer parte do projeto, envolveu várias outras pessoas que dirigiram facilmente a recolha de fundos, providenciando até contabilidade profissional *pro bono*. Numa semana, tinham conseguido \$40 000. De repente, o projeto tinha levantado voo: agora já podiam mandar *snacks* a cada um dos residentes dos quatro alojamentos.

O plano consistia em que cada trabalhador recebesse 3 itens: um pacote de 90 gramas de bolachas, um bom pedaço de murukku (snacks indianos) e tâmaras. Na sua maioria,

os trabalhadores eram muçulmanos, e a maneira tradicional de quebrar o jejum do Ramadão é com tâmaras. Fornecer estes alimentos trouxe para a frente de batalha outros “anjos”; amigos de amigos puseram Joanna em contacto com fornecedores de bolachas por junto, incluindo o dono da Julie Biscuits. Na verdade, Haniffa Pte Ltd coroou o negócio quando cobrou menos de metade do preço de revenda para o murukku e as tâmaras para ajudar nesta aventura.

## Desafios logísticos

Como frequentemente acontece com este género de empreendimento, estes desafios surgiram. Claro que ninguém podia simplesmente entrar nos dormitórios, agora em quarentena sob rígida supervisão. Porém, a encomenda dos alimentos não podia ser finalizada sem permissão expressa de entrega. Com muita

oração, a luz verde chegou finalmente às 10h de uma noite, depois de uma enchente de mails e telefonemas. Embora finalmente pudessem ter acesso aos dormitórios, tinham apenas um total de cinco horas para entregar *em bloco* os *snacks* todos – pré-embalados para distribuição individual –. Graças a Deus, o oficial da polícia de serviço coordenou a distribuição final a cada trabalhador com a ajuda de elementos das forças policiais e voluntários dos alojamentos.

Mas os desafios não tinham acabado. Olhando para as embalagens originais dos fornecedores, Joanna apercebeu-se de que eles próprios tinham de voltar a embalar alguns dos alimentos. Calculando o tempo necessário para carregamento, trajeto e descarga, concluiu que precisavam de alugar os camiões necessários para fazer a entrega em 3 horas; nem todos os fornecedores

tinham camiões para fornecer simultaneamente os 4 alojamentos nesse período de 3 horas. Nesta altura, apareceram voluntários do Hospital Ng Teng Fong (Departamentos de Apoio à Comunidade e Tecnologia de Informação) para realizar a imensa tarefa de produzir 27 000 embalagens individuais de bolachas dentro da zona de carga do hospital. Após 3 dias a refazer as embalagens para distribuição, as bolachas estavam agora prontas para entrega nos dormitórios.

Quando o dia finalmente chegou, quatro camiões de 4 metros de largura apareceram no hospital, e todas as mãos disponíveis ajudaram a carregá-los tão depressa quanto possível. Joanna e o marido também levaram o filho Gabriel, de 19 anos, para uma ajuda com mais músculo. Com uma precisão militar, o camião deles e os fornecimentos diretos de

Haniffa chegaram a horas e conseguiram completar a descarga em 3 horas. Os alimentos ficaram empilhados ordenadamente e prontos para distribuição individual no fim de semana. Na última noite, Joanna e o marido terminaram a entrega final ao último alojamento entre as 20 e as 22h. Finalmente, 2,5 toneladas de bolachas, 4,3 toneladas de murukku, e uma tonelada de tâmaras tinham sido distribuídas a mais de 27 000 trabalhadores estrangeiros. Tinham cumprido o prazo!

**“Vamos ultrapassar isto juntos! Com o afeto dos Singapurenses”**

A distribuição individual a cada trabalhador foi realmente um momento especial. A coordenadora do Ministério do Trabalho, Miss Wei Shi, simpaticamente enviou algumas fotos à medida que os trabalhos se processavam e viam-se mesmo

algumas caras felizes. Cada dormitório recebeu quatro posters desenhados por um amigo, dizendo simplesmente em inglês e em bengali: “Vamos ultrapassar isto juntos! Com o afeto dos Singapurenses.”

A generosidade dos doadores deixou um excedente de vários milhares de dólares. Os encarregados dos alojamentos perguntaram se poderiam usar essa quantia para comprar ventoinhas de pé e cafeteiras para ferver água, o que seria particularmente útil para os trabalhadores. E assim a aventura continuou...

Quando lhe perguntaram se teria feito tudo isto se soubesse previamente toda a agitação que iria envolver, Joanna não teve dúvidas: “É claro! O meu ‘sofrimento’ foi pequeno quando comparado com o medo e a ansiedade que estes

trabalhadores devem ter sentido nestes tempos incertos.” Mas estava mais convencida de que tinha sido o próprio Deus que o tinha querido, pois Ele foi abrindo uma porta a seguir à outra. Foi um gesto para com estes trabalhadores, para que soubessem que não estavam sozinhos no seu isolamento; que as pessoas deste país, para onde eles tinham vindo trabalhar, não eram indiferentes aos seus medos e preocupações.

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/que-mais-posso-fazer/> (29/01/2026)